

APONTAMENTO HISTÓRICO

João Casaca*

Ao Engenheiro Geógrafo

Pareceu-me apropriado dedicar o primeiro desta segunda série de apontamentos históricos ao engenheiro geógrafo. Para tal, juntei algumas notas soltas, a precisar de melhor investigação, e procurei esboçar uma linhagem do actual engenheiro geógrafo português.

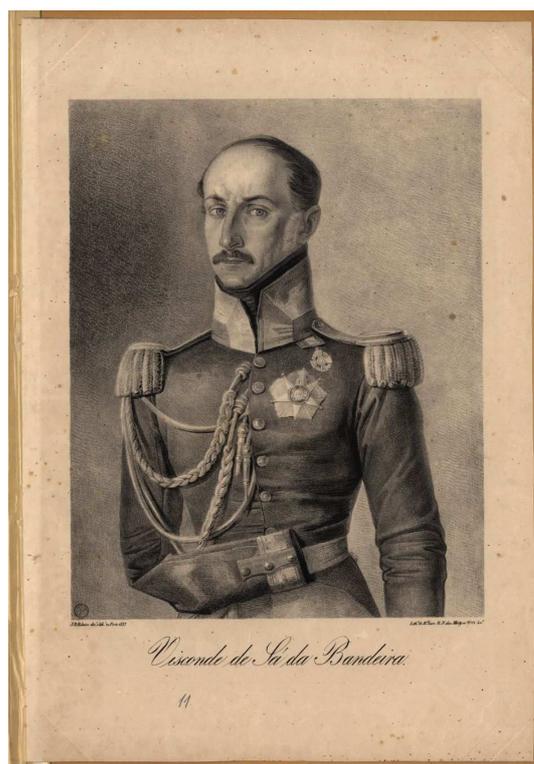
A denominação de engenheiro geógrafo começou a ser utilizada em França, no séc. XVII, no reinado de Luís XIV, para designar os engenheiros militares especializados na elaboração de cartas topográficas. No terceiro quartel do séc. XVIII, chegou a ser criado, no Exército, um “Corpo de Engenheiros Geógrafos”, sob a direcção de Jean-Baptiste Berthier, que foi extinto, pela Assembleia Constituinte, em 1791.

Em Portugal, o título de engenheiro geógrafo foi importado de França e veio substituir o título centenário de cosmógrafo. Entre a ilustre sucessão de cosmógrafos que ocuparam o cargo de Cosmógrafo-mór do Reyno, salientam-se: Pedro Nunes (1502-1572), o primeiro Cosmógrafo-mór, nomeado em 1547; João Batista Lavanha (1550-1624), nomeado Cosmógrafo-mór em 1594 (talvez o primeiro engenheiro-mór); Luiz Serrão Pimentel (1613-1679), nomeado Cosmógrafo-mór em 1644 e nomeado engenheiro-mór em 1674 e Francisco António de Ciera (1763-1814), o último Cosmógrafo-mór. Em 1799, o cargo de Cosmógrafo-mór foi incorporado na Academia Real de Marinha, fundada nesse ano, onde Ciera se tornou o responsável pela docência da disciplina de Matemática.

Em 1837, o governo do Visconde (futuro Marquês) de Sá da Bandeira transformou a Academia Real da Marinha, na Escola Politécnica de Lisboa, que colocou sob a tutela conjunta do Ministério da Marinha e do Ultramar e do Ministério da Guerra. A Escola Politécnica, que ocupou as instalações do Real Colégio dos Nobres, cujos alunos tinham sido transferidos para o Real Colégio Militar, ministrava cursos de engenharia (militar e civil), construção naval, artilharia, etc., e atribuía os títulos de engenheiro geógrafo e engenheiro hidrógrafo a oficiais, respectivamente, do Exército e da Marinha habilitados com as cadeiras de Astronomia e Geodesia. São estes engenheiros geógrafos e hidrógrafos da Escola Politécnica que virão a integrar o quadro da “Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos” do “Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria”, criado, por decreto de D. Maria II, em 1852.

Filipe Folque (1800-1874) admitido, ainda em 1836, como docente na Academia Real da Marinha, passou para a Escola Politécnica, como lente de Astronomia e Geodesia. Folque, que começou a carreira militar como oficial da Armada, foi posteriormente transferido para o Real Corpo de Engenheiros, onde acabou por atingir o posto de general de divisão. Em 1852, assumiu a “Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos”, cujo quadro preencheu com engenheiros geógrafos e hidrógrafos portugueses da Escola Politécnica. Estes engenheiros, sob a sua direcção, foram responsáveis pela primeira cobertura cartográfica de Portugal apoiada em infra-estruturas geodésicas: a “Carta Chorográfica de Portugal” à escala 1:100.000.

Os trabalhos da “Triangulação Geral do Reino” tinham sido iniciados em 1790, por uma “Comissão Geodésica” criada pelo Governo de D. Maria I, liderada por Francisco de Ciera, coadjuvado por dois oficiais do Real Corpo de Engenheiros: Carlos Frederico Bernardo de Caula (1766-1835) e Pedro Folque (1757-1848). Do mesmo modo que a



“Comissão Geodésica” pode ser considerada a “semente” da futura “Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos”, Filipe Folque pode ser considerado como o ilustre sucessor do último Cosmógrafo-mór.

Em 1911, a Escola Politécnica foi “transformada” na “Faculdade de Ciências” da Universidade de Lisboa, embora somente em 1921 aí tenha sido criada a actual licenciatura em engenharia geográfica (não chegou a ser criada uma licenciatura em engenharia hidrográfica). Curiosamente, numa conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 18 de Março de 1920, sobre “O Levantamento das Nossas Cartas Coloniais”, o Almirante Gago Coutinho preconizava: *“Para levantar as cartas das nossas colónias com uma precisão e uma rapidez compatíveis com a sua extensão e os recursos de Portugal, é preciso: [...] 3ª. Criar, tanto pela preparação física e de sport, como com habilitações técnicas especiais, o curso de engenheiro geógrafo provavelmente no, tão praticamente orientado, Instituto Superior Técnico, [...]”* Na realidade, foram as Faculdades de Ciências das Universidades de Coimbra, de Lisboa e do Porto que vieram a formar os engenheiros geógrafos que, durante o séc. XX, integrados nas Missões Geográficas e também em algumas empresas privadas, levaram a cabo a cobertura cartográfica das ex-colónias portuguesas.

* Eng.º Geógrafo, Investigador-coordenador do LNEC